

URBANIZAÇÃO, SEXO E SOLIDÃO: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro
Universidade Federal do Ceará

Álvaro Tamayo
Universidade de Brasília

RESUMO - Foi objetivo desta pesquisa estudar a influência do sexo e da taxa de urbanização da cidade residencial sobre o sentimento de solidão. No Estudo 1, foram selecionadas quatro cidades do Nordeste com diferentes taxas de urbanização. A Escala UCLA de Solidão foi administrada a 400 estudantes universitários, de ambos os sexos, com idade média de 23 anos e 2 meses (D.P. =4,07). A Anova 2x4 não revelou nenhum efeito significativo. O Estudo 2 investigou a possível especificidade destes resultados para o Nordeste. Com este fim, foram incluídas na pesquisa mais duas cidades, com alta taxa de urbanização, e situadas em outras regiões do país. Os resultados de Anova 2x6 foram também não significativos. Os resultados são explicados em termos das características da vida universitária.

URBANIZATION, SEX AND SOLITUDE: AN EMPIRICAL APPROACH

ABSTRACT-Two studies investigated the influence of subjects' gender and residential town urbanization rate on the feeling of loneliness. In Study 1, four North East cities were selected with different urbanization rates. The UCLA Loneliness Scale was administered to 400 university men and women (mean age = 23 years, SD =4,07). No significant effect was revealed by the 2x4 Anova. The possible specificity of these results to the North East Region was investigated in Study 2. With this purpose, two more cities were included in the research, with high urbanization rates and situated in other regions of the country. The results of the 2x6 Anova were also not significant. Results are explained in terms of the specific characteristics of university life.

INTRODUÇÃO

A solidão vem ganhando, nos últimos anos, significativo espaço em trabalhos científicos, no âmbito da Psicologia Social (Anderson, Horowitz & French, 1983; Jones, Hobbs & Hockenbury, 1982; Michela, Peplau & Weeks, 1982; Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Schmidt & Sermat, 1983; Solano, Batten & Parish, 1982; Weeks, Michela, Peplau & Bragg, 1980; Wheeler, Reis & Neziek, 1983). Tal interesse é justificado, na medida em que a solidão se constitui num fenômeno de reconhecida difusão e importância (Gerson & Perlman, 1979; Gordon, 1976; Loucks, 1980; Sadler Jr., 1978; Solano, 1980; Weiss, 1973).

É substancial a quantidade de autores a afirmar que a pesquisa e o estudo sobre solidão ainda se encontram em fase inicial e, considerando-se a escassez de pesquisas empíricas, muito ainda existe para ser explorado (Bragg, 1979; Krebs, 1974; Kubistant, 1977; Loucks, 1980; Peplau, Russell & Heim, 1978).

No que se refere às definições e conceituação de solidão, foram registradas, na literatura, as seguintes dimensões: **falta de objetivo e significado de vida** (Bradley, 1970; Burton, 1961; Ellison, 1978); **reação emocional** (Ellison, 1978; Mishara, 1975); **sentimento indesejado e desagradável** (Gerson & Perlman, 1979; Moustakas, 1961, 1972; Russell et al., 1980; Sullivan, 1953; Walden, 1973); **sentimento de isolamento e separação** (Burton, 1961; Ellison, 1978; Moustakas, 1961, 1972; Pittman, 1977; Walden, 1973); **deficiência nos relacionamentos** (Anderson et al., 1983; Chelune, Sultan & Williams, 1980; Fromm-Reichmann, 1959; Gerson & Perlman, 1979; Gordon, 1976; Lopata, 1969; Schmidt & Sermat, 1983; Sermat & Smith, 1973; Sullivan, 1953; Wheeler et al., 1983); e, finalmente, "*Unattachment*" (Ellison, 1978, 1980; Weiss, 1973). Observa-se, desta forma, que os autores não são unânimes quanto às dimensões ressaltadas para a solidão, o que resulta na falta de um consenso conceitual para o termo. A ausência de uma linguagem universalmente compreensível sobre a solidão é uma consequência importante desse fato. Há, pois, a necessidade de se estabelecer uma definição consistente para a solidão. A definição que se segue é proposta, com base na literatura consultada: solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente de falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento (Pinheiro & Tamayo, 1984a).

Sexo e solidão

A relação entre sexo e solidão vem sendo explorada tanto no plano racional como no empírico. Contudo, observa-se, tal como no tocante à definição de solidão, a falta de unanimidade de opiniões (Pinheiro & Tamayo, 1985). No plano teórico, autores apresentam a hipótese de que a diferença entre sexos - no tocante à solidão - decorre de influências sociais (Ellison, 1980; Gordon, 1976), de diferenças sexuais inatas (Kubistant, 1977) e de diferentes tipos de solidão (Sadler Jr., 1978).

No plano empírico, o problema está longe de uma solução definitiva. Os resultados de várias pesquisas revelam diferenças sexuais. Estas diferenças, porém, não são uniformes, já que em algumas pesquisas os homens apresentam mais solidão do que as mulheres (Russell et al., 1980 - Estudo I; Solano, 1980) e, em outros, os resultados são inversos (Maisel, 1969; Wood, 1978). Ademais, diferenças entre os sexos não foram encontradas por Loucks (1974, 1980), Mishara (1975), Russell, Peplau e Ferguson (1978), Russell et al., (1980 - Estudo II) e Solano, 1980. Por outra parte, os resultados obtidos por Landefeld (1977) e Pornoff (1976) alertam para uma possível simplificação do problema no sentido de que a influência de sexo não deve visar exclusivamente as diferenças sexuais no grau de solidão, mas também a maneira como a experiência de solidão é vivenciada pelos homens e pelas mulheres.

A grande diversidade de amostras, de métodos e instrumentos de pesquisa utilizados, além de poucos esclarecimentos em alguns artigos, permite levantar o questionamento de que os resultados obtidos possam decorrer das diferentes medidas utilizadas, desde que se venha a constatar que algumas das mesmas não medem realmente o construto solidão.

Difícilmente pode-se afirmar que as pesquisas consultadas que não encontraram diferenças sexuais significativas sejam solidamente determinantes para solucionar o problema da relação entre sexo e solidão; elas parecem, contudo, melhor elaboradas do que as que apontaram diferenças significativas.

A relação entre sexo e solidão ainda se apresenta, assim, problemática, tanto no plano racional como no empírico, pela análise feita sobre o material bibliográfico disponível. A exploração empírica do problema parece, pois, oportuna, partindo-se da hipótese, com base na bibliografia consultada, de que não há diferença sexual significativa entre os sujeitos, no que tange à solidão.

Urbanização e solidão

A urbanização se apresenta como um problema contemporâneo, que tem despertado a preocupação de razoável quantidade de estudiosos (Bernardes, 1975; Castells, 1974; Fairchild, 1974; Gould & Kolb, 1965; Hauser, 1976; Pinto, 1964; Riesman, 1960 e 1970; Singer, 1975; Wirth, 1938; Zdrozny, 1959). Suas observações evidenciam o quão complexo é o processo de urbanização e quão presente este se apresenta em todo o mundo.

Embora não se tenha conhecimento de trabalhos empíricos que abordem a relação existente entre urbanização e solidão, diversos estudiosos têm dispensado considerações teóricas sobre o assunto, destacando-se os tópicos sobre **urbanização como característica da vida moderna** (Becker, 1974; Bernardes, 1975; Garcia Villegas, 1971; Moustakas, 1961); **Características gerais da vida rural e da vida urbana** (Ellison, 1980; Gordon, 1976; Hauser, 1976; Moustakas, 1961; Wirth, 1936); relacionamentos interpessoais no meio rural e no meio urbano (Becker, 1974; Ellison, 1978; Gordon, 1976; Hauser, 1976; Ledrut, 1971; Moustakas, 1961; Wirth, 1938); e **influência do processo de urbanização sobre a solidão** (Becker, 1974; Ellison, 1978, 1980; Garcia Villegas, 1971; Gordon, 1976; Ledrut, 1971; Moustakas, 1961; Wirth, 1938).

Uma análise acurada de todo este material consultado permite verificar que os autores reconhecem que a vida urbana tende a diminuir os contatos primários entre seus habitantes, substituindo-os por contatos secundários, impessoais, pela dessemelhança e isolamento entre si. Ao lado disso, o meio rural parece favorecer a manutenção dos contatos primários, mediante o conhecimento mútuo entre todos os seus componentes, a prática da boa vizinhança e da convivência de bairro, relacionamentos com base emocional e sentimental, enfim, uma vida mais gregária, mais cooperativa, mais caracterizada por relacionamentos íntimos entre os habitantes do meio rural e das cidades pequenas - ou seja, com um grau menos elevado de urbanização.

A convivência humana genuína - essencial para a sobrevivência individual e coletiva - paulatinamente está dando lugar a um amontoado de pessoas que, mesmo vivendo fisicamente mais próximas nas cidades do que no meio rural, vivem isoladas umas das outras, e, em nome de preservar uma privacidade, passam a restringir seu âmbito de convivência humana, gerando, outrossim, uma distância social.

É igualmente pensamento de estudiosos que a vida urbana permite a seus componentes, em média, a possibilidade de manter mais contatos pessoais, dado o número de habitantes que abriga, em relação ao meio rural. No entanto, a quantidade parece prevalecer sobre a qualidade e a superficialidade torna-se a característica mais freqüente desses contatos.

Percebe-se, ademais, como que um "grito de alerta" entre os estudiosos, diante do incontrolável processo de urbanização a que todo o mundo está submetido e mesmo o Brasil (Bernardes, 1975), onde as cifras apontam mudanças por demais assustadoras, segundo as quais, além de sua população urbana já haver ultrapassado a equivalente rural, isso se dá de modo desenfreado, observando-se um real esvaziamento das zonas rurais e uma concomitante "inchação" dos espaços urbanos.

Todo esse quadro aponta claramente uma conseqüência do processo de urbanização: a solidão. Como bem colocou Wirth (1938), o freqüente e estreito contato físico, mantido sobre grande distância social e que é característico da vida urbana, acentua a reserva entre indivíduos desagregados uns dos outros, o que origina a solidão, a não ser que seja compensado por outras oportunidades de reação.

Há que se enfatizar, por oportuno, que todo o material consultado situa-se no plano racional, não tendo sido encontrada qualquer referência de estudo empírico, que aborde os efeitos da urbanização sobre a solidão. Isso se faz lamentável, na medida em que tal abordagem, por certo, forneceria dados mais exatos sobre o assunto, permitindo, então, conclusões mais precisas para efeito de pesquisas.

As colocações teóricas, que se apresentam lógicas e mantêm uma total unanimidade entre os autores, conduzem a uma solução para o problema, no sentido de que quanto mais elevado o grau de urbanização, maior a prevalência de solidão verificada entre os habitantes da cidade estudada.

Foi objetivo da presente pesquisa estudar a influência do sexo e da taxa de urbanização da cidade residencial sobre o sentimento de solidão. A taxa de urbanização foi definida como a proporção de concentração populacional urbana com relação à população total do Município, no qual o sujeito mora há, pelo menos, um ano.

Para a escolha das cidades, tomou-se o cuidado de uniformizar a Região Geopolítica, no caso, o Nordeste, de vez que cada Região brasileira apresenta características próprias e que se refletem no modo de vida de seus habitantes. Das das cidades escolhidas são litorâneas - Fortaleza e São Luís - e duas não litorâneas Crato e Teresina.

A Tabela 1 fornece características sumárias sobre a urbanização de cada uma das cidades nas quais a pesquisa foi executada.

TABELA 1: Características de Urbanização das cidades utilizadas nos Estudos 1 e 2.

Características Cidade	População (Hab.)		Área (km ²)	Densidade Demográfica (Hab./km ²)	Taxa de Urbaniza- ção (%)
	Total	Urbana			
São Luís	449.877	247.622	518	868,49	55,04
Crato	80.796	58.354	1.026	78,75	72,22
Teresina	378.026	339.264	1.809	208,97	89,75
Fortaleza	1.308.919	1.308.919	336	3.895,59	100,00
São Paulo	8.493.598	8.337.649	1.493	5.688,95	98,16
Brasília	1.177.393	1.139.480	5.771	204,02	96,78

FONTE: IBGE (1981).

MÉTODO

Amostra

A amostra, cuja escolha obedeceu a um critério classificatório, constou de 400 sujeitos de classe sócio-econômica média, estudantes, de ambos os sexos, provenientes de universidades públicas oficiais, distribuídos em quatro grupos de 100, considerando a sua cidade residencial, a saber: Fortaleza (N = 100), Teresina (N = 100), Crato (N = 100) e São Luís (N = 100). Cada grupo foi constituído por dois subgrupos, de 50 sujeitos, de acordo com o sexo.

A idade média foi de 23 anos e 2 meses e desvio-padrão de 4,07, sendo 298 solteiros, 97 casados e 5 de outros estados civis (74,5%, 24,3% e 1,3%, respectivamente). Quanto ao local de nascimento, a grande maioria da amostra (93,3%) foi oriunda dos três Estados em que a pesquisa foi efetuada - Ceará (44,8%), Piauí (24,5%) e Maranhão (24,0%). Todos os sujeitos já residiam há pelo menos um ano na cidade em que foram submetidos ao estudo, tendo 87 (21,8%) entre 1 a 5 anos de residência e 313 (78,3%), 6 anos ou mais. Oitenta e nove por cento dos sujeitos residiam em casa; 96,5% acompanhados. Quanto ao curso universitário, 46,8% estavam enquadrados na área de ciências e 52,8%, na de humanidades.

Medida e procedimento

O instrumento de medida utilizado foi a Escala UCLA de Solidão (Pinheiro & Tamayo, 1984b).

O instrumento foi aplicado coletivamente - em turmas que tinham, em média, 25 alunos. As aplicações foram padronizadas, mediante a utilização de instruções idênticas. Há que se ressaltar o cuidado tido para que as circunstâncias de aplicação fossem adequadas, na medida em que não houvesse interferência de qualquer espécie, enquanto os sujeitos respondiam o questionário, bem como fosse o mesmo aplicado em horário normal de aula cedido pelo(a) professora responsável. Além disso, foram observadas condições convenientes de iluminação e ventilação. Não foram registrados quaisquer tipos de problemas quanto ao procedimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 2 mostra os resultados referentes à solidão, onde se observa que o escore médio da amostra geral é de 38,08. Considerando que a variação de pontos da Escala UCLA de Solidão situa-se entre 20 e 80 pontos (quanto maior o escore, maior a solidão do sujeito) e o ponto médio da escala é 50, os sujeitos apresentaram, assim, um escore médio inferior ao ponto médio da escala, o que permite afirmar que o seu grau de solidão situa-se bem abaixo da média esperada, $t(399) = 30,48$; $p < 0,001$.

TABELA 2: Média e Desvio-Padrão de Solidão, por Sexo e Urbanização (N = 568), nos Estudos 1 e 2.

Estatísticas	Urbanização						Sexo		Total
	São Luís	Crato	Teresina	Fortaleza	Brasília	São Paulo	Masc.	Fem.	
X	38,52	36,62	38,81	37,10	38,64	39,10	38,40	37,76	38,08
DP	8,29	8,40	7,68	7,60	7,77	6,56	7,55	8,07	7,82

A análise de variância 2 x 4 dos escores de solidão não apresentou efeito principal, no nível de qualquer das duas variáveis independentes, nem da interação sexo x urbanização.

Com referência à variável sexo, os resultados obtidos deram suporte à hipótese formulada, de que os escores de solidão apresentados pelos sujeitos não diferiam significativamente.

Esses resultados concordam, desta forma, com as conclusões das pesquisas empíricas de Loucks (1974), Mishara (1975), Russell et al., (1978), Loucks (1980), Russell et al., (1980 - Estudo II) e Solano (1980). Além disso, dão suporte à colocação teórica de Gordon (1976), segundo a qual não existe distinção quantitativa entre os sexos, no que concerne à experiência de solidão. Levando-se ainda em conta ser a solidão considerada por vários estudiosos como fenômeno universal (Burton, 1961; Bradley, 1970; Ellison, 1980; Loucks, 1980), quase universal (D'Abov, 1973), como mais ou menos uma aflição universal (Zilboorg, 1938), ou como enraizada na constituição e na natureza do homem, sendo, então, uma companhia universal de alguém, em algum tempo, de alguma forma (Becker, 1974), não é de se esperar que, face aos grandes problemas humanos existenciais - tais como a solidão - o sexo faça diferença.

Em suma, parece claro que o sexo não se constitui fator determinante para o fenômeno da solidão, embora convenha serem considerados os limites de generalização inerentes a esta pesquisa.

Os resultados referentes à variável urbanização não deram suporte à hipótese inicialmente formulada de que quanto maior a taxa de urbanização da cidade residencial, maiores os escores de solidão apresentados pelos sujeitos, de vez que não foram encontradas diferenças significativas entre as amostras correspondentes às quatro cidades estudadas.

Algumas hipóteses explicativas podem ser aventadas para esclarecer esses resultados. Antes de discuti-las, contudo, pareceu conveniente explorar outras variáveis que possam ter tido influência nos resultados obtidos, que discordam dos pressupostos teóricos anteriormente discutidos.

Numa primeira etapa, considerou-se a variável cidade litorânea versus cidade não litorânea como possível fonte de variação nos níveis de solidão. Aliás, para a escolha das cidades residenciais - todas localizadas na Região Nordeste Ocidental (constituída dos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão), fez-se necessária a inclusão de duas cidades litorâneas (Fortaleza e São Luís) e duas não litorâneas (Teresina e Crato).

Considerou-se que isso pudesse se constituir como fonte de alguma influência nos resultados, de vez que o litoral apresenta, de um modo geral, aspectos peculiares no modo de viver de uma cidade, pelo acesso às praias nelas presentes - como um tipo de lazer acessível à todos e, conseqüentemente, um ponto de encontro para seus habitantes, o que representa ocasiões e oportunidades para manutenção de relacionamentos interpessoais.

Processou-se, então, análise de variância 2x2, tendo como variável independente, além do sexo, a localização geográfica da cidade de residência (litoral e não litoral), a fim de verificar essa possível influência. Nenhuma diferença significativa foi verificada entre os sujeitos das cidades litorâneas (Fortaleza e São Luís) e não litorâneas (Crato e Teresina).

Estudo 2

A fim de verificar se esses resultados encontrados faziam-se exclusivos da Região Nordeste, em conseqüência do modo de vida de suas cidades (cujo ritmo é mais calmo e pacato), resolveu-se, numa nova etapa, estudar cidades brasileiras, que se localizassem em outras regiões geopolíticas: uma que apresentasse população de maior dimensão e ritmo de vida mais acelerado; outra que fosse planejada e de crescimento atípico, ao contrário das cidades inicialmente estudadas.

Assim, a cidade de São Paulo - localizada na Região Sul foi escolhida, tendo em vista que, além de apresentar uma taxa de urbanização de 98,16%, é a cidade de maior população do País, uma das maiores do mundo, e apresenta um ritmo de vida muito acelerado.

A inclusão de Brasília - situada na Região Centro-Oeste - foi feita por se tratar de uma cidade planejada e de crescimento atípico (Kohlsdorf, 1975, 1980). Há, outrossim, uma expectativa em torno de Brasília, de que seja uma cidade que favorece a solidão. Os dados sumários, quanto à urbanização, sobre as duas cidades, também estão descritos na Tabela 1.

MÉTODO

Amostra

A amostra foi composta dos 400 sujeitos do Estudo 1 mais 168 estudantes universitários, sendo 100 de Brasília e 68 da cidade de São Paulo, todos eles com características equivalentes às dos sujeitos do Estudo 1.

Medida e procedimento

O instrumento de medida e o procedimento foram os mesmos do Estudo 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de variância 2x6 foi processada, sendo as variáveis independentes sexo e urbanização. Os níveis da variável urbanização foram representados pelas cidades de São Luís, Crato, Teresina, Fortaleza, Brasília e São Paulo, (vide tabela 1).

Não foi revelado qualquer efeito principal, nem de interação. As médias e respectivos desvios-padrões, por sexo e urbanização, estão contidas na Tabela 2.

Assim, convém salientar que, mesmo ao se comparar cidades como Crato e São Paulo, cujas taxas de urbanização e tamanho da população diferem significativamente, não foi observada entre as médias de solidão de suas amostras qualquer diferença significativa.

A hipótese explicativa aqui apresentada baseia-se nas características da vida universitária, da qual foi extraída a amostra da pesquisa.

A vida universitária conta com estruturas próprias, que facilitam o entrosamento entre seus estudantes. Tudo isso significa oportunidades de desenvolver uma vida social regular, de conviver em grupo e de manutenção freqüente de contatos mais íntimos.

Embora o sistema universitário adotado, no Brasil, tenha acabado na prática com as turmas únicas que faziam todo o curso juntas, o sistema foi adotado em todas as universidades pesquisadas, o que significa que seus efeitos atingiram os estudantes indistintamente e não apenas determinada universidade especificamente.

Mesmo assim, os estudantes, em sua maioria, comparecem, quase que diariamente, a determinado local e têm convivência estreita com determinadas pessoas, seus colegas e mesmo seus professores, além da possibilidade de virem a conhecer outras pessoas por intermédio desses e de poderem participar de atividades outras, a partir dessa convivência.

Em suma, a vida universitária dispõe de estruturas próprias que facilitam o entrosamento entre os estudantes, o que pode representar a explicação para a ausência de diferenças significativas verificadas entre as médias das amostras correspondentes a cidades com diferentes taxas de urbanização, como também da constatação de que as médias obtidas pelos sujeitos situam-se abaixo da média esperada da Escala UCLA de Solidão.

Oportuno se faz lamentar, mais uma vez, a ausência de literatura empírica que aborde o problema de relação entre urbanização e solidão.

A literatura disponível nesta área é exclusivamente teórica. A hipótese relativa à influência da urbanização formulada nesta pesquisa tem bases exclusivamente teóricas. E possível que as considerações teóricas tenham sido muito generalizadas quanto aos efeitos da urbanização sobre a solidão, sem que se detivessem em examinar especificamente determinados segmentos da sociedade que, mesmo com a possibilidade de sofrer os efeitos do processo de urbanização, podem dispor de recursos próprios - como parece ser o caso da vida universitária - que venham a amenizar ou neutralizar os efeitos do referido processo, no que concerne à solidão.

Ademais as análises teóricas sobre a temática urbanização e solidão parecem se constituir parciais, no sentido de que, ao lado dos efeitos negativos apontados pelos estudiosos, a urbanização pode conter igualmente benefícios e facilidades para a comunicação interpessoal. Exemplos podem ser citados, tais como o telefone, oportunidades como shows, espetáculos musicais e teatrais e técnicas modernas de comunicação, que podem representar um outro nível de comunicação. A cidade pode ter, assim, um reflexo mais crítico sobre a comunicação, que venha a compensar as deficiências apontadas na literatura consultada sobre o assunto.

Toda esta discussão, vale salientar, fica a exigir estudos empíricos outros, que venham fortalecer as explicações ora apresentadas, a fim de que o problema da relação entre urbanização e solidão possa ser mais esclarecido. A presente pesquisa, por suas próprias limitações, apenas deu início à sua verificação empírica, restringindo-se, ainda, à população universitária de quatro cidades nordestinas, posteriormente comparadas a duas outras, São Paulo e Brasília.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. A.; HOROWITZ, L. M. & FRENCH, R. de S. (1983) Attributional style of lonely and depressed people. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 127-36.
- BECKER, E. (1974) The spectrum of loneliness. *Humanitas*, X (3), 237-46.
- BERNARDES, S. (1975) *Cidade - A sobrevivência do poder*. Rio de Janeiro: Guavira Editores.
- BRADLEY, R. (1970) Measuring loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 30 (7-B), 3382.
- BRAGG, M. E. (1979) A comparative study of loneliness and depression. *Dissertation Abstracts International*, 39 (12-B), 6109.
- BURTON, A. (1961) On the nature of loneliness. *American Journal of Psychoanalysis*, 21 (31), 34-9.
- CASTELLS, M. (1974) *La cuestión urbana*. Madrid: SigloVeintiuno de España Editores S. A.
- CHELUNE, G. J., SULTAN, F. E. & WILLIAMS, C L (1980) Loneliness, self-disclosure, and interpersonal effectiveness. *Journal of Counseling Psychology*, 27 (5), 462-8.
- D'ABOY, J. E. (1973) Loneliness: An investigation of terminology. *Dissertation Abstracts International*, 33 (7-B), 3281.
- ELLISON, C W. (1978) Loneliness: A social-developmental analysis. *Journal of Psychology and Theology*, 5(1), 3-17.
- ELLISON, C W. (1980) *Solidão-uma doença psicológica*. Rio de Janeiro: Record.
- FAIRCHILD, H. P. (ed.) (1974) *Diccionario de sociologia*. México: Fondo de Cultura Económica.
- FROMM-REICHMANN, F. (1959) Loneliness. *Psychiatry*, 22 (1), 1-15.
- GARCIA VILLEGAS, P. (1971) La Personalidad en las próximas décadas. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 26 (110-111), 281-6.

- GERSON, A. C. & PERLMAN, D. (1979) Loneliness and expressive communication. *Journal of Abnormal Psychology*, 88 (3), 258-61.
- GORDON, S. (1976) *Lonely in America*. Nova Iorque: Simon and Schuster.
- GOULD, J. & KOLB, W. L. (ed.) (1965) *A Dictionary of Social Sciences*. Unesco: The Free Press.
- HAUSER, P. M. (1976). Urbanização: Vista geral. In P. M. Hauser & L. F. Schnore. (Eds.), *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira.
- IBGE. (1981) *Sinopse preliminar do censo demográfico: Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE.
- JONES, W. H., HOBBS, S. A. & HOCKENBURY, D. (1982) Loneliness and social skill deficits. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42 (4), 682-9.
- KOHLSDORF, M. E. (1975) Gestalt urbana: Considerações sobre o plano piloto de Brasília: UnB - AUR. (mimeografado).
- KOHLSDORF, M. E. (1980) Manual de técnicas de apreensão do espaço urbano. Brasília: UnB - AUR (mimeografado).
- KREBS, J. S. (1974) The infinite spaceship: A phenomenological analysis of the experience of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 35 (2-B), 1052.
- KUBISTANT, T. M. (1977) A synthesis of the aloneness/loneliness phenomenon: A counseling perspective. *Dissertation Abstracts International*, 38 (4-A), 1892.
- LANDEFELD, R. E. (1977) A study of the intrapsychic experience of loneliness in widowhood. *Dissertation Abstracts International*, 38 (1-B), 334.
- LEDROUT, R. (1971) *Sociologia urbana*. Rio de Janeiro: Forense.
- LOPATA, H. Z. (1969) Loneliness: Forms and components. *Social Problems*, 17 (2), 248-61.
- LOUCKS, S. (1974) The dimension of loneliness: A psychological study of affect, self-concept, and object-relations. *Dissertation Abstracts International*, 35 (6-B), 3024.
- LOUCKS, S. (1980) Loneliness, affect, and self-concept: Construct validity of the Bradley Loneliness Scale. *Journal of Personality Assessment*, 44 (2), 142-7.
- MAISEL, R. (1969) Report of the continuing audit of public attitudes and concerns. Harvard Medical School: Laboratory of Community Psychiatry (mimeografado).

- MICHELA, J. L., PEPLAU, L. A. & WEEKS, D. G. (1982) Perceived dimensions of attributions for loneliness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (5), 929-36.
- MISHARA, T. T. (1975) A social self approach to loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International*, 36 (3-B), 1446.
- MOUSTAKAS, C. E. (1961) *Loneliness*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- MOUSTAKAS, C. C. (1972) *Loneliness and love*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- PEPLAU, L. A., RUSSELL, D. & HEIM, M. (1978) Loneliness: A bibliography of research and theory. *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 8, 38, MS, 1682.
- PINHEIRO, A. de A. A. & TAMAYO, A. (1984a) Conceituação e definição de solidão. *Revista de Psicologia*, 2 (1), 29-37.
- PINHEIRO, A. de A. A. & TAMAYO, A. (1984b) Escala UCLA de Solidão: Adaptação e validação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36 (1), 36-44.
- PINHEIRO, A. de A. A. & TAMAYO, A. (1985) Sexo e solidão: Uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37 (4), 56-64.
- PINTO, L. A. Costa (1964) *Estructura de c/ases y cambio social*. Buenos Aires: Paidós.
- PITTMAN, W. M. (1977). The relative effectiveness of three groups counseling approaches in reducing loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International*, 37 (8-A), 4870.
- PORTNOFF, G. (1976) The experience of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 36 (12-B, pt. 1), 6452.
- RIESMAN, D. (1960). *Faces in the crowd. Individual studies in character and politics*. New Haven: Yale University Press.
- RIESMAN, D. (1970). *The lonely crowd. A study of the changing American character*. New Haven: Yale University Press.
- RUSSEL, D., PEPLAU, L. A. & CUTRONA, C. E. (1980) The Revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (3), 472-80.
- RUSSEL, D., PEPLAU, L. A. & FERGUSON, M. L. (1978) Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 42 (3), 290-4.

- SADLER JR., W. A. (1978) Dimensions in the problem of loneliness: A phenomenological approach in social psychology. *Journal of Phenomenological Psychology*, 9(1-2), 157-87.
- SCHMIDT, N. & SERMAT, V. (1983) Measuring loneliness in different relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (5), 1038-47.
- SERMAT, V. & SMITH, M. (1973) Content analysis of verbal communication in the development of relationship: Conditions influencing self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 332-46.
- SINGER, P. (1975). *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense.
- SOLANO, C. H. (1980) Two measures of loneliness: A comparison. *Psychological Reports*, 46, 23-8.
- SOLANO, C H., BATTEN, P. G. & PARISH, E. A. (1982) Loneliness and patterns of self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (3), 524-31.
- SULLIVAN, H. S. (1953) *The interpersonal theory of psychiatry*. Nova Iorque: Norton.
- WALDEN, P. A. (1973) A philosophical investigation of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 34 (4-A), 1978.
- WEEKS, D. G., MICHELA, J. L, PEPLAU, L A. & BRAGG, M. L (1980) Relation between loneliness and depression: A structural equation analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (6), 1238-44.
- WEISS, R. S. (ed.) (1973) *Loneliness: The experience of emotional and social isolation*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- WHEELER, L, REIS, H. & NEZLEK, J. (1983) Loneliness, social interaction, and sex roles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (4), 943-53.
- WIRTH, L (1938) Urbanism as a way of life. *The American Journal of Sociology*, XLIV(1), 1-24.
- WOOD, L. A. (1978) Loneliness, social identity and social structure. *Essence*, 2 (4), 256-70.
- ZADROZNY, J. T. (1959) *Dictionary of Social Science*. Washington: Public Affairs Press.
- ZILBOORG, G. (1938) Loneliness. *Atlantic Monthly*, 161. 45-54.

Texto recebido em 3/11/86.